

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.set2026-4>



TAKUARA MUNDURUKU ENTRE ÁGUAS, FLORESTA E RITUAIS ANCESTRAIS:

Um ensaio fotográfico sobre território vivido, memória e ritualidade no Baixo Tapajós

TAKUARA MUNDURUKU BETWEEN WATERS, FOREST AND ANCESTRAL RITUALS

A photographic essay on lived territory, memory and rituality in the Lower Tapajós

TAKUARA MUNDURUKU ENTRE AGUAS, BOSQUE Y RITUALES ANCESTRALES

Un ensayo fotográfico sobre territorio vivido, memoria y ritualidad en el Bajo Tapajós

Pedro Henrique Azalim Cunha¹

RESUMO

Este ensaio fotográfico apresenta uma experiência vivida no Território Indígena Takuara, do povo Munduruku, localizado na Floresta Nacional do Tapajós, no Baixo Tapajós, a partir de registros produzidos durante pesquisa de campo realizada em agosto de 2024². As imagens percorrem diferentes dimensões do território: a casa do pajé Laurelino e os equipamentos contemporâneos de educação e saúde; os caminhos pela floresta e os deslocamentos pelas águas; os lugares associados à memória e aos vestígios cerâmicos; e os rituais realizados no território, envolvendo canto, maracás, defumação e agradecimento. O ensaio é posteriormente ampliado por um epílogo que aproxima essas experiências da história de afirmação indígena de Takuara, da memória do pajé Laurelino, da atuação de lideranças e da conclusão da demarcação física do território em 2026. As fotografias são retomadas no âmbito da Residência Pós-Doutoral em Arquitetura e Urbanismo da UFMG como parte de um acervo visual voltado à investigação das relações entre arquitetura, territorialidade, experiência sensível e ritualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Territorialidade; Cosmologia; Povos indígenas; Paisagem; Amazônia.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU), Residência Pós-Doutoral, <https://orcid.org/0009-0003-4083-7964>, pedroazalim@gmail.com

² Este ensaio foi realizado no âmbito da Residência Pós-Doutoral em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), vinculada ao Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU), sob supervisão do Professor Roberto Luís de Melo Monte-Mór.

ABSTRACT

This photographic essay presents a lived experience in the Takuara Indigenous Territory, home to the Munduruku people, located within the Tapajós National Forest in the Lower Tapajós region, based on records produced during fieldwork conducted in August 2024. The images explore different dimensions of the territory: the house of Pajé Laurelino and contemporary educational and health facilities; paths through the forest and journeys across the waters; places associated with memory and ceramic remains; and rituals carried out in the territory, involving singing, maracás, fumigation, and thanksgiving. The essay is further expanded by an epilogue that connects these experiences to the history of Indigenous affirmation in Takuara, the memory of Pajé Laurelino, the actions of its leaders, and the completion of the territory's physical demarcation in 2026. The photographs are revisited within the framework of the Postdoctoral Residency in Architecture and Urbanism at the Federal University of Minas Gerais (UFMG), as part of a visual archive aimed at investigating the relationships between architecture, territoriality, sensory experience, and rituality.

KEYWORDS: Territoriality; Cosmology; Indigenous peoples; Landscape; Amazonia.

RESUMEN

Este ensayo fotográfico presenta una experiencia vivida en el Territorio Indígena Takuara, del pueblo Munduruku, ubicado en la Floresta Nacional del Tapajós, en el Bajo Tapajós, a partir de registros producidos durante un trabajo de campo realizado en agosto de 2024. Las imágenes recorren diferentes dimensiones del territorio: la casa del chamán Laurelino y los equipamientos contemporáneos de educación y salud; los caminos por la selva y los desplazamientos por las aguas; los lugares asociados a la memoria y a los vestigios cerámicos; y los rituales realizados en el territorio, que incluyen canto, maracás, sahumado y agradecimiento. El ensayo se amplía posteriormente con un epílogo que aproxima estas experiencias a la historia de afirmación indígena de Takuara, a la memoria del chamán Laurelino, a la actuación de sus liderazgos y a la conclusión de la demarcación física del territorio en 2026. Las fotografías son retomadas en el marco de la Residencia Posdoctoral en Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG), como parte de un archivo visual orientado a investigar las relaciones entre arquitectura, territorialidad, experiencia sensible y ritualidad.

PALABRAS CLAVE: Territorialidad; Cosmología; Pueblos indígenas; Paisaje; Amazonia.

INTRODUÇÃO

Entre 7 e 14 de agosto de 2024, permaneci na Aldeia Takuara, território Munduruku localizado na Floresta Nacional do Tapajós, no Baixo Tapajós. Durante esse período, hospedei-me na casa do Tuxaua Leonardo Munduruku e de sua família, acompanhando atividades cotidianas e percorrendo diferentes lugares da aldeia. A experiência se construiu entre conversas, caminhadas, deslocamentos pelas águas, momentos de trabalho e situações rituais. Aos poucos, fui conhecendo Takuara pelos caminhos, pelas casas, pelo rio, pela floresta e pelas relações que se estabeleciam entre esses lugares.

As seis primeiras composições fotográficas reunidas neste ensaio foram produzidas durante essa permanência, no período do doutorado. No âmbito da pesquisa de pós-doutorado, esse material é retomado e articulado a imagens de arquivo e a um registro recente da demarcação física do território, compondo uma narrativa que aproxima a experiência de 2024 da história mais ampla de Takuara. O que interessa é acompanhar, por meio dessas imagens, alguns momentos em que Takuara se revela: na arquitetura que abriga a vida cotidiana, nos caminhos pela floresta e pelas águas, nos lugares de memória e nos momentos de ritualidade; e, no epílogo, em imagens que recuperam a história da afirmação indígena e da luta pela demarcação.

A primeira dessas relações aparece na própria configuração construída da aldeia. A Foto 1 aproxima a casa do pajé Laurelino, hoje habitada por seus filhos e netos, da escola e da Unidade Básica de Saúde. De um lado, uma casa ligada à história familiar e à permanência de uma memória; de outro, equipamentos que participam da vida contemporânea da aldeia. As duas imagens permanecem lado a lado, compondo o mesmo lugar.

É dessa convivência entre permanência e transformação que o percurso fotográfico parte. Das construções, o olhar seguirá para a floresta; da floresta, para as águas; das águas, para os lugares de memória e, depois, para os momentos em que o território se abre à experiência ritual.

Foto 1 – Memória e presente no território de Takuara

Acima: Casa do pajé Laurelino, atualmente habitada por seus filhos e netos.

Abaixo: Escola e Unidade Básica de Saúde da aldeia.



Fonte: Pedro Henrique Azalim Cunha, 2024.

PELA FLORESTA, A CAMINHO DO RITUAL DA MATA

Depois das construções apresentadas na Foto 1, o percurso se desloca para a floresta. Na Foto 2, Lúcia Munduruku, à esquerda, e o Tuxaua Leonardo Munduruku, à direita, caminham à nossa frente em direção ao lugar onde aconteceria o Ritual da Mata. Os adornos que levam nos corpos já anunciam a proximidade daquele momento, mas ainda estamos no caminho.

A floresta acompanha o percurso e, pouco a pouco, as construções da aldeia ficam para trás. O caminho não aparece apenas como passagem entre dois pontos, mas como parte da própria experiência que antecede o ritual. Caminhar, observar a mata e acompanhar aqueles que conhecem seus percursos também fazia parte de chegar àquele lugar.

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.set2026-4>

A Foto 2 registra esse intervalo: o instante em que ainda se caminha, mas o cotidiano já começa a ceder lugar a outra situação. A floresta se fecha ao redor do caminho, os corpos avançam e o ritual permanece adiante, ainda fora do enquadramento.

Foto 2 – A caminho do Ritual da Mata

À esquerda: Lúcia Munduruku.

À direita: Tuxaua Leonardo Munduruku.



Fonte: Pedro Henrique Azalim Cunha (2024)

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.set2026-4>

Foto 3 – Percorrer Takuara entre a floresta e as águas

À esquerda: Tuxaua Leonardo Munduruku, antes do ritual.

À direita: Preparação para o deslocamento de barco pelo território de Takuara.



Fonte: Pedro Henrique Azalim Cunha (2024)

ENTRE A FLORESTA E AS ÁGUAS

Em outro momento da estadia, o percurso pelo território tomou outra direção. A Foto 3 reúne duas situações distintas de deslocamento. À esquerda, o Tuxaua Leonardo Munduruku, fotografado antes do ritual. À direita, aparece a preparação para um deslocamento de barco realizado em outro dia. Naquele momento, me deram a oportunidade de tentar conduzir o barco. Não consegui. Aquilo que parecia um deslocamento simples revelava, para mim, um conhecimento do percurso e da água que eu ainda não tinha.

Em Takuara, até mesmo a tentativa de estabelecer uma conexão pela internet dependia das condições do lugar. Em determinado momento, foi preciso subir em uma árvore para procurar sinal. A cena permaneceu comigo pela maneira como uma necessidade cotidiana encontrava uma solução no próprio lugar.

As duas imagens da Foto 3 não pertencem ao mesmo momento, mas se aproximam pelos deslocamentos que registram. De um lado, Leonardo antes do ritual; de outro, a experiência da água. Entre floresta, rio e caminhos, Takuara também se revela pelo modo como é percorrida.

RITUAL DA MATA

Depois dos caminhos percorridos pela floresta e pelas águas, chegamos ao lugar em que aconteceria o Ritual da Mata. A Foto 4 reúne diferentes momentos dessa experiência: acima, os Guardiões do Território Munduruku; abaixo, a reunião no local onde haviam sido encontradas as cerâmicas e onde ocorreu a saudação aos ancestrais, seguida pelo ritual.

Naquele lugar, os Guardiões do Território Munduruku apareciam também como parte da proteção dos caminhos e espaços da aldeia. Sua presença acompanhava aquele momento de encontro no território. Em registros anteriores da pesquisa, os Guardiões do Território MDK aparecem associados justamente à proteção territorial de Takuara.

Abaixo, os participantes se reúnem no local onde haviam sido encontradas peças cerâmicas dos antepassados. A visita foi acompanhada por uma saudação aos ancestrais. A materialidade encontrada no chão não aparecia, naquele momento, como algo separado da experiência presente. O lugar era visitado, reconhecido e saudado antes que o ritual prosseguisse.

Os maracás deram ritmo aos cantos do ritual. A fumaça da defumação atravessou o espaço e os corpos reunidos. Entre os cantos, foi-nos apresentado o Maracanandé, associado, naquele contexto, à saudação aos encantados. Também ouvimos que o maracanã, ave cujo canto é reconhecido pelos participantes, só canta durante o ritual.

Foto 4 – Memória e território em Takuara**Acima:** Guardiões do Território Munduruku.**Abaixo:** Encontro no local das cerâmicas, durante a saudação aos ancestrais.**Fonte:** Pedro Henrique Azalim Cunha (2024)

O ritual acontecia na floresta, mas a floresta não funcionava apenas como cenário. O som dos maracás, os cantos, a fumaça, os corpos e o lugar ocupado pelos participantes faziam parte de um mesmo acontecimento ritual. Por alguns instantes, aquele trecho do território

assumia outra configuração. O caminho percorrido até ali dava lugar à permanência, à escuta e à saudação.

No material produzido anteriormente sobre Takuara, o Ritual da Mata aparece ao lado do Ritual de Agradecimento como uma das práticas espirituais realizadas no território, associadas à presença dos encantados. Nesta experiência, porém, foi a relação entre lugar, corpo e ritual que permaneceu mais forte: a mata, os vestígios, os cantos e a fumaça faziam parte de um mesmo momento vivido.

RITUAL DE AGRADECIMENTO

À noite, um novo ritual tomou forma. O fogo agora ocupava o centro do Ritual de Agradecimento. Na parte superior da Foto 5, a fogueira está sendo acesa; abaixo, depois do ritual, os participantes permanecem juntos, de mãos dadas, entre falas, música, reflexão e agradecimento.

A mudança da luz também transforma a maneira como o espaço se apresenta. O que durante o dia estava aberto aos caminhos e à floresta agora se concentra ao redor do fogo. As pessoas se aproximam, permanecem juntas e compartilham aquele momento antes de se dispersarem novamente.

No material produzido durante a pesquisa, o Ritual de Agradecimento aparece como uma das práticas espirituais realizadas em Takuara, ao lado do Ritual da Mata. Nesta noite, porém, o que mais me chamou a atenção foi a dimensão coletiva do encontro: as mãos dadas, as palavras, a música e o silêncio entre uma fala e outra faziam do fogo um ponto de concentração para todos os presentes.

A Foto 5 aproxima dois momentos da mesma noite: primeiro, o fogo que se acende; depois, as pessoas que permanecem reunidas. Entre uma imagem e outra, o ritual dá lugar à conversa, à música e ao agradecimento.

Foto 5 – Ritual de Agradecimento: fogo, canto e encontro

Acima: Acendimento da fogueira.

Abaixo: Momento posterior ao ritual, com música, falas e agradecimento.



Fonte: Pedro Henrique Azalim Cunha (2024)

Foto 6 – Depois da defumação

À esquerda: Lúcia Munduruku e Arlete Munduruku, filha do pajé Laurelino.

À direita: Tuxaua Leonardo Munduruku junto ao fogo, após a defumação.



Fonte: Pedro Henrique Azalim Cunha (2024)

DEPOIS DA DEFUMAÇÃO

Depois do momento coletivo registrado na Foto 5, o ritual se aproxima do fim. Na Foto 6, Lúcia Munduruku e Arlete Munduruku, filha do pajé Laurelino, aparecem à esquerda, enquanto, à direita, o Tuxaua Leonardo permanece junto ao fogo, após a defumação.

A reunião se desfaz aos poucos, e o olhar se aproxima dos gestos que ainda permanecem. A fumaça se dissipa, o fogo permanece e as pessoas ficam por mais alguns instantes ao redor dele.

Talvez por isso o fogo seja uma imagem adequada para fechar essa primeira parte do percurso. Ele esteve no centro da reunião, acompanhou a defumação e permanece aceso quando o ritual já se encaminha para o fim. Depois das casas, da floresta, das águas, dos lugares de memória e dos cantos, resta ainda aquele pequeno círculo de pessoas e brasas.

Ao revisitar essas fotografias, percebo que Takuara não se revela por uma única imagem. É no intervalo entre uma cena e outra — entre a casa e a escola, entre o caminho e o rio, entre os vestígios e a saudação, entre o ritual e aquilo que permanece depois dele — que o lugar ganha outra espessura. As fotografias não encerram essa experiência; guardam apenas alguns de seus momentos.

No fim, quando o fogo já diminuía e a fumaça se desfazia entre as árvores, Takuara permanecia ali, para além daquele instante de ritual. A casa, a floresta, o rio, os caminhos, os vestígios e as pessoas continuavam compondo o mesmo lugar. Talvez seja essa a permanência que as fotografias procuram guardar: não a imagem fixa de um território, mas alguns momentos de uma experiência que continua entre aquilo que se habita, aquilo que se percorre e aquilo que se lembra.

EPÍLOGO — MEMÓRIA E CONTINUIDADE

As fotografias anteriores foram produzidas durante minha permanência em Takuara, em agosto de 2024. As imagens que encerram este ensaio pertencem a outra temporalidade. São fotografias de arquivo e um registro recente da demarcação física do território, reunidos aqui para aproximar a experiência vivida naquele momento de uma história mais longa de afirmação indígena, organização política, memória e luta territorial.

Muito antes da minha chegada à aldeia, Takuara já vinha construindo essa história. Entre 1994 e 1995, Florêncio Almeida Vaz Filho esteve duas vezes na comunidade para entrevistar o pajé Laurelino Floriano da Cruz. Foram gravadas várias horas de conversa sobre as crenças e a vida naquela região. Em seu relato, Florêncio destaca que Laurelino não tinha vergonha de afirmar sua identidade indígena, embora muitos moradores ainda rejeitassem tanto a identificação como “caboclos” quanto como “índios”. Para ele, os mais velhos e os xamãs mantinham outra relação com essa identidade, reconhecendo-se como indígenas e preservando uma memória que permanecia, em parte, silenciada entre outros moradores (Vaz Filho, 2018).

A morte de Laurelino, em 31 de maio de 1998, tornou essa memória ainda mais presente. Florêncio relata que, depois de seu falecimento, os moradores de Takuara ouviram novamente trechos das entrevistas realizadas em 1994 e 1995. As palavras do pajé, sobretudo quando dizia ser indígena, filho de pais “puro índio” e que não se envergonhava disso,

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.set2026-4>



provocaram comoção e profunda reflexão. A partir daquela escuta, os descendentes de Laurelino e os demais moradores decidiram assumir publicamente sua identidade indígena e buscar junto à Fundação Nacional do Índio (FUNAI) a demarcação de suas terras (Vaz Filho, 2018).

Segundo relato autorizado de Lúcia Munduruku, Takuara foi a primeira aldeia a se identificar como povo indígena da etnia Munduruku no Baixo Tapajós. Após o falecimento de Laurelino, Raimundo, filho do pajé, foi até a FUNAI de Itaituba reivindicar o direito da comunidade ao território e ao pertencimento ao povo Munduruku. A afirmação de Takuara provocou surpresa entre moradores vizinhos e em Santarém, onde ainda predominava a ideia de que os indígenas da região haviam sido extintos. Florêncio também registra esse contexto de surpresa, preconceito e racismo e relata ter celebrado a decisão de Takuara de se afirmar indígena (Vaz Filho, 2021).

Essa história se encontra nas imagens da Foto 7. À esquerda, o pajé Laurelino aparece ao lado de Florêncio Vaz Filho; à direita, o Tuxaua Leonardo Munduruku participa do I Encontro dos Povos Indígenas do Tapajós, realizado em Jauarituba, na virada de 1999 para 2000. O Tuxaua Leonardo que aparece nessa fotografia histórica é o mesmo que, nas imagens de 2024, surge a caminho do Ritual da Mata (Foto 2) e também em dois momentos distintos de sua presença e circulação pelo território (Foto 3).

Foto 7 – Memória da luta Munduruku em Takuara

À esquerda: Pajé Laurelino Floriano da Cruz e Florêncio Almeida Vaz Filho. 1994.

À direita: Tuxaua Leonardo Munduruku, no I Encontro dos Povos Indígenas do Tapajós, Jauarituba, 1999–2000.



Fonte: Acervo da família de Leonardo Munduruku; autoria fotográfica não identificada.

A afirmação pública da identidade indígena também ganhou circulação para além da aldeia. Em seu relato sobre sua trajetória na Rádio Rural de Santarém, Florêncio conta que passou a divulgar as histórias, as reivindicações e as vozes das comunidades do Baixo Tapajós. Em 1998, a decisão de Takuara foi anunciada em seu programa junto a outros acontecimentos importantes da mobilização regional. Ele colocou no ar trechos da entrevista de Laurelino, e muitas pessoas se emocionaram ao ouvir novamente a voz do pajé. Para Florêncio, essa voz contribuía para fortalecer a autoestima dos moradores em relação à sua memória, cultura e identidade. A mensagem, que antes alcançava poucas centenas de pessoas, passou a circular mais amplamente pelo rádio (Vaz Filho, 2021).

Esse processo fazia parte de uma mobilização regional mais ampla. Florêncio relaciona a emergência pública de Takuara ao contexto de organização das comunidades do Baixo Tapajós e à criação oficial da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, em 1998, acontecimentos que foram divulgados em seu programa. Nos anos seguintes, outros grupos da região passaram a se identificar como indígenas, organizar encontros e discutir publicamente seus direitos, suas histórias, seus cantos e seus rituais (Vaz Filho, 2018; 2021).

A trajetória específica de Takuara continuou por décadas. Segundo relato de Lúcia Munduruku, em 2003, uma equipe técnica da FUNAI, incluindo uma antropóloga, esteve na comunidade para realizar pesquisas sobre as histórias e a cultura do povo Munduruku. No mesmo ano foram realizados os estudos antropológicos do território. Depois de concluídos, esses estudos foram publicados, mas, segundo seu relato, receberam nove contestações.

Ainda de acordo com Lúcia, somente em 2016 o território foi declarado, por meio da Portaria 568, de 12 de maio de 2016. A declaração, contudo, não foi acompanhada imediatamente pela demarcação física. Diante da demora administrativa da FUNAI para iniciar essa etapa, em 2023 os indígenas e as lideranças, entre eles tuxaua e cacique da aldeia Takuara, ingressaram com uma ação judicial contra a FUNAI de Brasília.

Em 11 de dezembro de 2025, segundo o relato de Lúcia, a FUNAI de Brasília apresentou a empresa Tucujus Ambiental, responsável pelos serviços técnicos de campo da demarcação física do território. Em 16 de dezembro de 2025, tiveram início os trabalhos. A equipe técnica abriu picos nos limites do território, colocou marcos de identificação dos pontos da área e instalou placas indicando que aquela área indígena era protegida por lei.

O trabalho de campo não ocorreu de forma contínua. Lúcia relata a possibilidade de conflitos com moradores não indígenas que estavam dentro do território e conta que os trabalhos precisaram ser interrompidos várias vezes. Foi necessária a presença da Polícia Federal e da Polícia Ambiental de Santarém para garantir a segurança da equipe da FUNAI, da equipe da Tucujus Ambiental e dos próprios indígenas que acompanhavam diretamente os serviços de campo.

Foto 8 – A demarcação física do território de Takuara



Fonte: Adriely Munduruku Comunicadora Indígena da aldeia Takuara Munduruku, 2026.

Imagem cedida por Lúcia Munduruku.

Foram, nas palavras de Lúcia, “26 anos de muitas lutas e perdas de nossas lideranças” que lutaram por aquele território e por sua demarcação. Depois de oito meses de trabalho, em

19 de agosto de 2026, segundo seu relato, a demarcação física do território foi concluída. O dia 21 de agosto de 2026 era aguardado como um momento histórico para seu povo, marcado pela entrega da demarcação física do território.

É essa etapa recente que aparece na Foto 8. A imagem registra a colocação da identificação do território indígena. Depois das casas, dos caminhos, das águas, dos vestígios e dos rituais que atravessaram as fotografias anteriores, aparece uma marca concreta no próprio espaço.

Ao narrar essa conquista, Lúcia não fala apenas de estudos, processos judiciais, equipes de campo, marcos e placas. Ela também olha para aqueles que vieram antes. Em seu relato, afirma que quer lembrar “dos meus ancestrais, aqueles que lutaram antes de mim”, reconhecendo neles aqueles que garantiram aquela terra a ela e ao seu povo. Agradece a Deus pela proteção no que chama de “campo de batalha”, à força dos encantados e ao pajé Laurelino, de quem afirma ter certeza de que “sempre esteve conosco, nos dias de lutas”.

Essa lembrança retorna às fotografias anteriores. A casa de Laurelino, apresentada no início do ensaio (Foto 1), reaparece agora como parte de uma história que ultrapassa sua própria presença. Leonardo, que acompanhamos a caminho do Ritual da Mata (Foto 2) e em diferentes situações de circulação pelo território (Foto 3), reaparece em outra temporalidade, vinculada à organização do movimento indígena. E a voz de Lúcia, no presente, aproxima memória, luta, ancestralidade e demarcação.

A placa torna visível, no território, uma luta que começou muito antes dela.

REFERÊNCIAS DO EPÍLOGO

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. O intelectual indígena nascido da Teologia da Libertação. **Avá. Revista de Antropologia**, n. 33, p. 35-56, 2018.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. Uma trajetória militante no rádio na Amazônia. **Contracorrente**, n. 17, p. 281-287, 2021.

O autor declara não haver qualquer potencial conflito de interesses
referente a este ensaio fotográfico.

Recebido em: 23/08/2026 | Aceito em: 24/09/2026